



GT 07. Antropologia da Técnica

Coordenador(es):

Jeremy Paul Jean Loup Deturche (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Júlia Dias Escobar Brussi (UFOPA - Universidade Federal do Oeste do Pará)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Emanuel Sautchuk (UnB)

Sessão 2

Debatedor/a: Eduardo Di Deus (UNB - Universidade de Brasília)

Sessão 3

Debatedor/a: Fabio Mura (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

A 4ª edição deste GT busca dar continuidade às reflexões e discussões iniciadas na 29ª RBA, além de seguir contribuindo para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. Quando tratamos de técnica no sentido maussiano, como « ato tradicional eficaz », é necessário, seguindo Sigaut, sempre lembrar que não temos acesso direto às técnicas em si. O que vemos são pessoas fazendo coisas. Nesse sentido, este GT tem um interesse particular nas mais diversas práticas e fazeres, que implicam na interação entre humanos e não-humanos (artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral) e envolvem habilidades, escolhas, hierarquias e transformações. Tais fazeres parecem ser uma chave importante para o entendimento das diferentes formas de se « estar no mundo », não dentro de uma ótica estritamente materialista, mas na perspectiva da produção de conhecimento, ou do habitar o mundo. A partir de uma abordagem dos processos técnicos se busca apreender como « se pensa com a mãos » e refletir sobre esses fazeres em sua dimensão social, inseridos em composições sociotécnicas e políticas complexas. Considera-se, assim, de grande relevância os trabalhos que dialoguem com essas temáticas e que privilegiem aspectos etnográficos e análise descritivas de processos técnicos.

Sobre parir e ver parir: Estudando partos naturais através de uma abordagem antropológica das técnicas.

Autoria: Tayná Teixeira Chaves Trindade (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Esta é uma reflexão sobre práticas e técnicas envolvidas em processos de parir e de ver parir, realizada com mulheres que optam pela experiência do parto natural, e com profissionais que dão suporte a elas. O objetivo central do estudo é compreender a eficácia do parto natural para os envolvidos, e como ela se constitui. Eficácia é entendida aqui como consta no conceito de ato técnico formulado por Marcel Mauss. Compreende-se que ao praticar uma técnica o sujeito espera alcançar objetivos que não estão limitados a efeitos materiais. Portanto, esta pesquisa está atenta ao que as pessoas fazem, a como fazem, e ao que querem com aquilo que fazem. A vivência etnográfica indicou que as gestantes passam por um complexo processo de escolhas técnicas, e um também complexo processo de aprendizado. Ambos se entrelaçam, e sofrem interferências de diversas variáveis. Estes processos, assim como as ações das profissionais em seu acompanhamento, são estudados através de uma específica abordagem antropológica das técnicas. É perceptível que as mulheres aprendem técnicas do corpo para parir. No entanto, elas também aprendem técnicas voltadas ao florescimento de um ?saber em movimento?. Junto com as profissionais, descubrem como ?dar espaço? a um pensamento diferente daquele que consideramos usual. Um pensamento que



sempre implica movimento. Também está em evidência a importância do ambiente, do envolvimento pessoal e da distribuição do poder nos processos de parir. Uma condição colocada pelas mães surge como essencial: elas querem que seus partos sejam sua propriedade. O estudo demonstra que esta noção de propriedade do parto está diretamente relacionada à questão do ritmo. Por quase um ano, caminhei e convivi com estas mulheres, e assim o estudo se deu. A dissertação, manifestação textual da pesquisa, será contada como uma história. A história da minha jornada entre mulheres que querem parir e ver parir. É um experimento narrativo. Uma tentativa de explorar novas formas de criação. Neste caso, uma escrita que corrobora com a perspectiva teórico-metodológica e flui com ela. Encerro este resumo informando o referencial teórico-metodológico básico desta investigação. Ele é formado por Marcel Mauss (1950), Pierre Lemonnier (1993), Tim Ingold (2010), Tim Ingold (2015), Maxine Sheets-Johnstone (2011) e André Leroi-Gourhan (2002).

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: